

**O LATIM HUMANISTA EM PORTUGAL:
UMA DISCUSSÃO INTRODUTÓRIA SOBRE O POEMA *DE EXILIO*
SUO DE DIOGO PIRES**

Álvaro Alfredo Bragança Júnior*
(UFRJ/ABRAFIL)

RESUMO: Ao lado das cantigas trovadorescas, do teatro vicentino, dos últimos romances de cavalaria e de Luís de Camões destaca-se, entre os séculos XV e XVI, a literatura em língua latina dos humanistas portugueses. Ainda carecendo de mais estudos no cenário acadêmico brasileiro, neste artigo tenciona-se trazer à luz um poema em latim do humanista Diogo Pires, não apenas uma peça artística na língua do Lácio, mas também um elemento de denúncia social de uma época.

PALAVRAS-CHAVE: Latim humanista; Portugal; Diogo Pires.

**THE HUMANIST LATIN IN PORTUGAL:
AN INTRODUCTORY DISCUSSION ON THE POEM OF *EXILIO SUO*
BY DIOGO PIRES**

ABSTRACT: Besides the troubadour songs, the Vincentian theater, the last romances of chivalry and Luís de Camões, between the 15th and 16th centuries, the Latin-language literature of the Portuguese humanists stands out. Still needing more studies in the Brazilian academic scene, this article intends to bring to light a Latin poem by the humanist Diogo Pires, not only an artistic piece in the language of Lazio, but also an element of social denunciation of an era.

KEYWORDS: Humanist Latin; Portugal; Diogo Pires.

I. INTRODUÇÃO

Uma das fases mais importantes, senão a mais significativa do desenvolvimento artístico, cultural, político e social da civilização ocidental é o período que abrange os séculos XV e XVI, por nós conhecido como Renascimento.

Ao lado do progresso em todos os campos do conhecimento humano, alia-se uma nova postura do Homem em relação ao seu tempo, homem esse não mais visto como um mero ser regido pelo **fatum**, porém ele próprio agente construtor de sua realidade. A tendência humanística europeia de então contribuiu decisivamente para o enriquecimento do legado cultural de vários reinos, dentre os quais Portugal.

* E-mail: alvabrag@letras.ufrj.br

A onda expansionista portuguesa “*por mares nunca d’antes navegados*” tornou o reino lusitano um dos mais importantes centros políticos da Europa. A consolidação como potência mundial uniu-se à necessidade intelectual de uma Corte, ávida do conhecimento que emanava da Itália, principal fonte humanística. Paralelamente, contudo, ao esplendor dos estudos humanísticos, a intransigência e a intolerância religiosas permeavam o seio das sociedades. O credo religioso não cristão ou o ateísmo declarado, sem falar na heresia “*protestante*” de Lutero, Calvino, Zwinglio e outros, era impiedosamente julgado pelos tristemente célebres tribunais da Inquisição. Fogueiras foram acesas, corpos foram cremados, torturas praticadas em nome da “verdadeira fé”! No caso dos adeptos do Judaísmo, ainda havia a opção da conversão ao Cristianismo: o cristão-novo emergia como um ser purificado de toda uma história passada imersa em pecado.

Diogo Pires sofreu a pena do exílio, pois não abdicou de suas raízes religiosas. Como Ovídio, padeceu do sofrimento da separação de seu torrão natal, Portugal, e da distante Dalmácia – hoje ainda a incerta ex-Iugoslávia – entoava o seu bardo contra aqueles que não compreendiam as mudanças que ocorriam na mentalidade do homem do século XVI. Diogo produzia suas obras na língua de transmissão de todo o conhecimento humano de então, o latim. Sua poesia *De exilio suo scripsit Novae oppido Dalmatiae hispanica clade nobilissimo* é um excelente retrato da situação social da terra lusitana no século XVI, assim como um texto, no qual o estudioso pode retirar vários subsídios para uma melhor compreensão de seu estilo de composição, através de características ligadas à linguagem.

Pretendemos, pois, com esse modesto artigo, valorizarmos ainda mais a língua do Lácio em uso pelos humanistas renascentistas – em nosso caso Diogo Pires – e tecermos algumas considerações sobre seu poema anteriormente citado. Com isso, acreditamos tentar contribuir para a crescente conscientização científica da necessidade de estudos mais acurados de autores renascentistas portugueses e da língua da qual se serviam – a língua de Cícero!

II. O RENASCIMENTO – BREVES CONSIDERAÇÕES

A denominação “*Renascimento*”, que só foi usada a partir de 1830, originou-se da falsa noção de que as artes, mortas desde a Antiguidade, teriam ressuscitado no século XVI. As artes não renasceram, pois desde o século XIII não tinham cessado de produzir obras originais e belas. Os homens da Idade Média conheciam e admiravam os autores clássicos, e a música que criaram era muito superior a dos antigos. O que surgiu com o Renascimento foi uma técnica mais perfeita e mais hábil das artes plásticas e uma nova atitude em relação à Antiguidade. (SEIGNOBOS **apud** AZEVEDO, 1970, p.203)

O termo Renascimento não significou, como pode parecer, uma renovação da cultura clássica e nem o renascer cultural, como se na época precedente, pejorativamente alcunhada de Idade das Trevas, não tivesse existido cultura. O termo tende, entretanto, a se inspirar na Antiguidade Clássica, a fim de trazer de volta valores que interessavam à nova sociedade urbana e comercial.

O Renascimento, portanto, caracterizou-se por ser um movimento anticlerical e antiescolástico, pois a nova cultura (leiga e humanista) opunha-se à cultura religiosa e teocêntrica do medievalismo.

Assim, como bem diz Roland Mousnier (**apud** SEVCENKO, 1985, p. 14-15)

O crítico de arte Giorgio Vasari foi muito provavelmente a primeira pessoa a usar a palavra **Renascimento** – isto em 1550 –, para designar uma situação inteiramente distinta da Idade Média. Vasari fazia a síntese de todo o

movimento de ideias que se enriquecera e precisara desde Petrarca e no qual ele próprio crescera: ideias de despertar, de ressurreição, de regeneração, de passagem das trevas à luz nas letras, nas artes, nas ciências, no exército, na política, a ideia do Renascimento.

As transformações sócio-econômicas iniciadas na Baixa Idade Média e que chegaram ao auge com a Revolução Comercial na Idade Moderna abalaram todos os setores da sociedade, trazendo até mesmo mudanças culturais. Essas transformações estavam ligadas à expansão comercial, à reforma religiosa, ao absolutismo político, às mudanças culturais surgidas nos séculos XIV a XVI, como também ao início do capitalismo comercial.

Nesse sentido, o Renascimento foi, então, uma *“transição entre as eras medieval e moderna em que existiram lado a lado princípios e conceitos velhos e novos, religiosos e profanos, autoritários e individualistas”*¹, constituindo-se em um dos mais fecundos movimentos intelectuais do Ocidente

Os renascentistas exaltaram a dignidade do ser humano, levando-o a uma nova ideia de vida e do mundo. A natureza passa a ser vista como reino desse homem, que vê o mundo sob o ângulo da razão.

O impulso cultural do Renascimento vigorou valores opostos aos homens medievais. Em todos os campos do saber emergiu uma vitalidade cultural que rompia com os tradicionais limites. Chegou-se até a rever, com dificuldades imagináveis, a teologia. A filosofia passa a ser platônica e a ideia terrena faz nascer uma ciência fundamental: a política. (BARDI, 1980, p. 15)

A. O renascimento em Portugal

Em Portugal, o movimento histórico vivido pela dinastia de Avis foi propício à entrada dos novos valores trazidos da Itália. Em 1487, a imprensa é introduzida no reino luso e, em consequência desse fato, os autores humanistas italianos – Dante Alighieri, Francisco Petrarca e Giovanni Boccaccio – começaram a ser lidos. Outro fato digno de nota, este quase cem anos depois, em 1580, é o início da dominação espanhola sobre Portugal – mais tarde visto no texto de Diogo Pires.

O Renascimento português esteve intimamente ligado aos descobrimentos marítimos. O homem luso, com seu ideal de conquistas de novas terras, torna-se ambicioso e desejoso de realizar um domínio político e econômico além-mar. A partir daí, muitas teorias e concepções antigas foram desmitificadas e o homem passa a vivenciar uma nova realidade mundial, porém sem desprezar totalmente os valores transcendentais.

No tocante à literatura portuguesa dos meados do século XVI, o contato cultural com a Itália foi decisivo. Américo da Costa Ramalho, mostrando a influência da Itália sobre o espírito humanista dos sábios portugueses, escreve a respeito da correspondência de um humanista italiano:

Elas nos dão os nomes de portugueses que viajavam ou estudavam em Itália. Delas se conclui a existência de um intercâmbio com a fonte primeira do Humanismo, nos finais do século XV: intercâmbio de pessoas, de mercadorias e – o que é mais notável – importação de livros de Itália. (RAMALHO, 1969, p. 15)

III. O CONCEITO DE HUMANISMO

¹ Cf. ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA, p. 475.

Homo sum: humani nihil a me alienum puto. (Terêncio, Heuat. I, 1, 25)

O termo Humanismo é de formação recente, tendo sido utilizado em 1808 pelo alemão F. J. Niethamer, para definir certa concepção pedagógica que ressalta os estudos clássicos. Destarte, por humanista devemos entender o estudioso e cultor das *artes humanitatis e litterae humaniores*, expressões usadas por Cícero, cujo sentido acentua que o conhecimento dessas letras torna o homem mais humano.

O Humanismo está estreitamente ligado ao Renascimento, pois apresenta um forte movimento de exaltação à literatura e ao pensamento da Antiguidade Clássica.

Os humanistas eram, por definição, os homens empenhados nessa reforma educacional, baseada nos estudos humanísticos [...]. Ocorre que esses *studia humanitatis* eram indissociáveis da aprendizagem e do perfeito domínio das línguas clássicas (latim e grego), e mais tarde do árabe, hebraico e aramaico. Assim sendo, deveriam ser conduzidos, centrados exclusivamente sobre os textos dos autores da Antiguidade Clássica, com a completa exclusão dos manuais de textos medievais. Significava, pois, um desafio para a cultura dominante e uma tentativa de abolir a tradição intelectual medieval e de buscar novas raízes para a elaboração de uma nova cultura. (SEVCENKO, 1985, p. 13).

O Humanismo procura instaurar sutilmente um espírito crítico e de tendência racionalista no homem, porém mantendo uma concordância com o sentimento religioso cristão. O homem é o centro de seu interesse. A história, a pedagogia e a filosofia antigas passam a ser estudadas, procurando-se elaborá-las com base numa doutrina do individualismo, que será um dos traços dominantes do Renascimento.

O letrado torna-se um estudioso secular e não mais um eclesiástico, disponibilizando todo seu talento a serviço dos reis, formando comitivas intelectuais. Os príncipes italianos empregavam os humanistas como secretários, encarregando-os de missões diplomáticas, colocando-os nas universidades e subvencionando muitos outros, os quais viriam a celebrar a fama do príncipe e a glória de sua cidade-estado. Outros menos afortunados vagueavam pelo mundo civilizado, tentando subsistir como mestres dos filhos da nobreza e da burguesia.

De Nápoles, o Humanismo passa à Sicília, onde existiram muitas escolas de letras clássicas e onde, por volta de 1486, surgiu um dos maiores expoentes humanistas, Cataldo Parísio Sículo (c.1455 - c. 1514), ilustre preceptor de vários filhos de fidalgos portugueses e de D. Jorge, filho bastardo do rei D. João II.

No seu sentido mais amplo, o humanismo pode ser definido como a glorificação do humano e do natural, em oposição ao divino e extraterreno. Assim concebido, foi ele o coração e a alma da Renascença, uma vez que incluía praticamente, todos os outros ideais já mencionados. O Humanismo também tem o seu sentido mais restrito de entusiasmo pelas obras clássicas. É este o sentido em que foi frequentemente empregado pelo homem da Renascença. (BURNS, 1968, p. 392)

Os quatro primeiros livros impressos em Portugal no século XVI, anunciadores do Humanismo, foram escritos em latim: *Opera* (1500), de Cataldo Parísio Sículo; a *Nova Grammatices ... Ars* (1516), de Estevão Cavaleiro; o **Cancioneiro Geral** – este em português – de Garcia de Resende e a *Epistola Plinii secundum veram lectionem ex exquisitissimis et antiquissimis exemplaribus*. A introdução do Humanismo em Portugal deu-se com Cataldo Parísio Sículo, que chegou à Península Ibérica por volta de 1485.

A. O humanismo em Portugal

O avanço das conquistas marítimas portuguesas levava o europeu às terras d'África e Ásia, conhecendo e dominando nações. A glória portuguesa era exaltada, seu povo cantando em verso e prosa pelos escritores. Esther de Lemos (1972) analisa o momento:

E assim, na sublimação operada pela arte, o nosso esforço das descobertas foi exaltado, mais ainda do que como vitória do Homem sobre a natureza, como triunfo de Cristo sobre o erro e as trevas do paganismo. As grandes figuras do século, ou aquelas que o simbolizavam no que teve de melhor, são os homens de fé, de impoluta lealdade, de austera virtude e esforço, de inteligência e vontade orientadas por um férreo sentido de missão: D. João II, Albuquerque, Pacheco, D. João de Castro [...]. A par destes, acima destes – só o homem que os sentiu e os contou a todos, Camões.

Assim, o mar manifestava-se como um obstáculo intransponível, porém os portugueses, vencendo-o, permitiram a revelação de outras terras.

O Humanismo português, portanto, assinala toda a transição de um Portugal marcado por valores medievais para uma nova realidade mercantil, voltada para as conquistas ultramarinas.

Tudo isso deve-se à Revolução de Avis (1383-1385) e à aclamação de D. João I como rei de Portugal, monarca esse que desenvolve uma política de centralização do poder nas mãos do rei, até então compromissado com a burguesia mercantilista. Desse compromisso dá-se a expansão ultramarina lusa.

Toda essa grandiosidade do crescente império português levou Camões a afirmar, em *Os Lusíadas*, que o sol estava sempre sobre o império português: *Vós, poderoso Rei, cujo alto Império O Sol, logo em nascendo, vê primeiro, Vê-o também no meio do Hemisfério. E quando desce o deixa derradeiro.* (CAMÕES, *Op cit.*, Canto I, 8)

Apesar de todo o clima de otimismo e de euforia com os feitos dos navegadores lusitanos, não deve ser esquecida a outra face do governo português, face essa que perdurou por vários séculos em outros reinos europeus. Os poderes eclesiásticos, sentindo uma maior necessidade de preservarem antigos privilégios e sob o pretexto de alargamento da fé cristã católica, desenvolveu já a partir do século XIV seu braço de força, a Santa Inquisição. Movimentos considerados heréticos, pessoas declaradamente ateias, ou, por outro lado, suspeitas de atos de magia negra como alquimia, bruxaria e contato com os mortos e portadores de outro credo religioso – principalmente muçulmanos e judeus – foram perseguidos e em muitos casos entregues aos poderes seculares para julgamento e morte. Os tribunais inquisitoriais iluminaram com incontáveis fogueiras os céus europeus, demonstrando que, embora sob o auspício da nova era cultural de (re)nascimento de valores, a intolerância continuava amparada pelo poder temporal.

No século XVI, em solo português, a Inquisição e o governo, juntos, promoveram uma campanha para a “conversão” de pessoas de outros credos. Basicamente, os judeus eram o alvo preferido, pois o povo que não tinha aceitado o Salvador merecia, ou ser salvo pelo reconhecimento de seu erro milenar, ou a morte pela sua persistência em uma fé falsa. Muitos judeus converteram-se, sendo conhecidos como cristãos-novos, outros saíram de Portugal, procurando uma terra, na qual pudessem professar sua religião. Pessoas simples e sábios saíram do solo luso e dentre eles uma figura destaca-se para nós, o humanista Diogo Pires.

IV. DIOGO PIRES – NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS

Diogo Pires (pseudônimo latino **Didacus Pyrrhus Lusitanus**) nasceu em Évora ou arredores, em 05.04.1517 e faleceu em Ragusa – atual Dubrovnik, antiga Iugoslávia – em 1607. Consta que saiu de Évora aos 18 anos, em virtude da perseguição iniciada contra os judeus. Em 1533 está em Salamanca, Espanha, e lá, possivelmente, trava relações com o famoso poeta português **Amatus Lusitanus**². Na Espanha, onde os ares inquisitoriais eram bem fortes, adota, da mesma forma os pseudônimos latinos de **Jacobus Flavius** e **Jacob Flavio Eborensis**, este último nome já aportuguesado. Lá iniciou seus estudos de medicina. Posteriormente, aparece em Liege, Louvain, Ferrara, Ancona, Ragusa e mais tarde em Constantinopla e Jerusalém, para dali regressar à Itália. Pelas informações dadas por **Amatus Lusitanus** seria **Didacus** médico de profissão.

Quanto à sua obra, podemos dizer que compôs as seguintes; consideradas como as principais: *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum Liber Vnus*, publicada em Ferrara, no ano de 1545; *De illustribus familiis quae hodie Rhagusae extant*, em 1582 e *Cato Minor siue disticha moralia ad ludi magistros Olysiponensis*, impressa em 1592.

Seu gênero principal de trabalho era a lírica. Segundo seu comentador da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (v. XXII, p. 939),

À semelhança de Tíbulo, o inquieto enamorado de Silvia, canta os engodos da paixão, a melancolia e o desespero de quem ama e duvida, e para se parecer de todo com ele, até o idioma de que se serviu de modo exclusivo foi o latim.

De maneira alguma, concordamos com a afirmação do comentador. Diogo Pires utilizava o latim, pois esta era a língua dos intelectuais, a língua universal de transmissão de cultura de então.

Quando em Ferrara se alterou o clima de cordialidade no qual eram tratados os judeus, Diogo refugiou-se em Ragusa, onde viria a falecer, sem ter o prazer de voltar à pátria. Bastante respeitado em Ragusa, sua produção em latim e sua presença na cidade ainda hoje podem ser lembradas em algumas edições recentes de suas obras lá produzidas³.

Sem regressar ao solo português, o poeta, como um Ovídio de então, repassou pedaços de sua vida, seus familiares que renegaram sua fé e não o ajudaram e analisou a situação portuguesa face ao perigo espanhol. Seus versos em dísticos elegíacos demonstraram seu domínio sobre a métrica clássica. Seu poema soa como um apelo de um filho, brutalmente separado da mãe, mas que não se esquece dela. Em nossa análise por vir, trataremos mais detalhadamente do belo texto do humanista português.

Passemos, pois, agora, ao texto latino.

² **Amatus Lusitanus** – pseudônimo de João Rodrigues de Castelo Branco.

³ Cf. ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA, vol. XV, p. 341.

V. **DE EXILIO SUO – TEXTO LATINO ESTABELECIDO**

DE EXILIO SVO
SCRIPSIT NOVAE OPPIDO DALMATIAE,
HISPANICA CLADE NOBILISSIMO

Ergo mihi exilium longum, et crudele ferendum ?
Nec reditus spes est ulla relictæ mei ?
Et quod adhuc superest ævi infelicis, id omne
Ducendum in gelidæ rupibus Illyriæ,
5 Qua male ad Hadriacas pugnauit Cantaber undas,
Et iacet arx fuis strata cadaueribus,
Quaque sub umbrosi decurrens uertice montis
Labitur exiguo murmure Nemilius ?
Dextra Epidaurus inest, quæque illius aucta ruinis
10 Creuit, et est Blasi tuta patrocinio:
Læua quoque aerias ostentat Rizanæ arces,
Et Venetis fidum patribus Ascriuium.
Nec procul, infelix Epiri terminus agri,
Erigitur muris Butua semirutis.
15 At procul, et longo terrarum dissita tractu,
Est Eboræ: heu puero cognita terra mihi !
Salue terra mei natalis conscia, salue
Non oculis posthac terra uidentæ meis.
Troia decem, totidemque hiemes absumpserat error:
20 Vix Ithacæ spes est posse redire ducem.
Ille redit tamen, et ueteres agnoscit amicos;
Penelope fruitur iam seniore uiro.
Me fortuna tenax terris dum iactat, et undis,
Enumerat bis sex Elis Olympiadas;
25 Et cum temporibus crescunt mea damna ferendo.
Et quis erit, cui non dulcius ante mori ?
Num mea longæuos pulsauit dextra parentes ?
Impia num patriis intulit arma focis ?
Num feror abiectis impurus turpiter armis
30 Miles, et antiquæ transfuga militiæ ?
An quia solemnes ritus, et auita meorum
Sacra colo, patriis finibus exul agor ?
Et uidet hoc Superum Rector, nec fulmina torquet ?
Multus ab ætheria nec cadit arce lapis ?
35 Ferdinande senex, ut te crudelis Erinnys
Vexet, ut infelix appetat ora canis !
Nec melior sors sit periuræ coniugis, opto:
Degener infernos incolat umbra lacus.
At male compositos cineres, atque ossa reuulsa
40 Victor in Oceani deleat Afer aqua.
Non iniusta precor. Nostris ex ossibus alter
Editus in nostras sæuiit hostis opes;
Altera (proh dirum facinus !) Phlegetontis ab unda
Extulit ardentem quarta Megaera facem.

45 Horruit infelix uenientem Corduba pestem,
 Baetis et auersas territus egit aquas.
 Nec compressa loco flamma est: uolat illa per auras,
 Qualis ab Ortygia missa sagitta manu.
 50 Qua nouus exoritur Titan, qua conditur undis,
 Nullus ab iniecto non calet igne locus.
 Ah, quoties gremio nata est abducta parentis !
 Ah, quoties natam est ipsa secuta parens !
 Non secus obscura deserta in ualle iuuenca
 Mugit, et ante aras non secus agna cadit.
 55 Sera quidem, eorum inuenit sua poena nocentem;
 Mouit et ultores iustior ira deos.
 Omnis ab alterius damno culpanda uoluptas,
 Grata tamen uictis hostibus illa uenit.
 Ecce iacet magnus sceptri successor auiti.
 60 Tot spes, tot curas abstulit una dies.
 It nato comes erepto maestissima mater,
 Et bibit accitus pocula dira gener.
 At nata, infelix nata, et mala credita patri
 Luget, et attonita mente repente cadit.
 65 Illa parens regum nuper regina duorum,
 Illa potens nato Caesare mente furit;
 Non secus Ogygiis late bacchatur in antris
 Thyas, et ingeminans «Euohe» sistra quatit.
 70 Pone modum lacrimis, et tandem siste querelas,
 Corduba: tot poenis uix satis una domus.
 Ipse quoque indignos casus solabor, et una
 Forsan erit nostris haec medicina malis.
 Quod si rara manu ducunt iam fila sorores,
 Et mihi supremi meta laboris adest,
 75 Ipsi me montes morientem scilicet, ipsa
 Oblita ab Hispano saxa cruore iuuent.
 Quidquid erit, Manes descendam liber ad imos;
 Stet mihi libertas morte redempta mea.
 Diis inuise Meli, et Melio mage saeue Paredes,
 80 Nil uobis in me iam modo iuris erit.
 Excurrit pelago sensim porrecta crepido,
 Et breuis aequoreis tunditur isthmus aquis.
 Sparge rosam, et uiolas, plenisque effunde canistris
 Lilia: dis sacer est Manibus ille locus.
 85 Lysiadum cineres, defunctaque corpora uita
 Parcius iniecto poluere celat humus.
 Si qua fides dictis, circum loca sacra feruntur
 Visa diu medio numina lapsa solo.
 Incertum, quid agant, sed dicunt carmina certe
 90 Grata Ioui, et propter uisitur ara breuis.
 Hic mea nec ferro, nigra neque tacta fauilla
 Ossa uelim placide condant amica manus.
 Neue mei fuerit moles operosa sepulcri,
 At breuis in summo marmore uersus eat:

«Didacus hic situs est Ebora procul urbe, domoque:
Non licuit patrio condere membra solo.
At tu, siue legis portum, seu littore funem
Diripis, aeternum, nauta, precare uale.»

VI. TRADUÇÃO⁴

POEMA QUE DIOGO PIRES ESCREVEU SOBRE SEU EXÍLIO NA NOBILÍSSIMA CIDADE DE NOVA, NA DALMÁCIA, DURANTE A DESGRAÇA ESPANHOLA.

Devo, pois, suportar este longo e cruel exílio? Nem me é permitida nenhuma esperança de retorno? E o que até agora resta do tempo infeliz, tempo este que deve ser consumido nos rochedos da gélida Ilíria, onde o Cântabro, com dificuldade, lutou através das ondas do mar Adriático, e a cidadela destruída jaz com cadáveres espalhados e, por onde, precipitando-se do alto do sombrio monte, a fonte Nemília cai com um exíguo murmúrio?

À direita localiza-se Epidauro, cidade que resurgiu ainda maior das suas próprias ruínas e que está segura sob a proteção de São Brás; e do mesmo modo à esquerda, Rizano ostenta altas cidadelas e a fiel Ascrívio de origem veneziana. Nem ao longe, Butua, limite infeliz do campo do Epiro, ergue-se com seus muros meio arruinados. Mas ao longe, e espalhada pela longa extensão de suas terras, está Évora: ah! terra que me conheceu menino! Salve terra cúmplice do meu nascimento! Salve terra que não há de ser mais vista pelos meus olhos!

Tróia lhe consumira dez anos e sua volta precisamente outros tantos invernos; dificilmente existia a esperança de que Ulisses pudesse voltar. Ele volta, contudo, e reconhece os antigos amigos; e Penélope convive com o esposo já mais idoso. Enquanto a tenaz fortuna me lança por terras e mares, a Élide enumera doze Olimpíadas; e com o tempo crescem os castigos que devo suportar. E existirá alguém, a quem antes não seja mais doce morrer? Acaso a minha destra feriu meus idosos pais? Acaso ímpias armas transpuseram os pátrios altares? Acaso como um soldado infame sou conduzido vergonhosamente por armas abjetas, tal qual um desertor das antigas campanhas? Por que, por ventura, pratico os solenes rituais e os cultos dos meus antepassados, sou levado como exilado das pátrias fronteiras? E o Governante Supremo isto vê, e não lança seus raios? E nenhuma grande pedra cai da fortaleza celeste?

Ó velho Fernando, que te atormente a cruel Erines, que o infeliz cão te dilacere a face! E nem desejo melhor sorte para a mentirosa esposa: o indigno habita os lagos infernais na sombra. Mas, por outro lado, que o vencedor Africano destrua as cinzas guardadas e os ossos arrancados na água do Oceano.

Não peço coisas injustas. Um outro inimigo, nascido dos nossos ossos, encolerizou-se contra as nossas forças; uma quarta Megera (ah! funesto crime!) tirou uma tocha ardente das ondas do Flegetonte. A infeliz Córdoba temeu a peste que se aproximava, e o aterrorizado Bétis impeliu as águas adversas. Nem existe chama retida no local: ela voa pelos ares, tal como uma flecha enviada pela mão ortígia. Por um lado, surge um novo Titã, por outro, o fogo é conduzido pelas ondas, todo lugar se aquece com o seu lançamento.

⁴ Preferimos, em nossa tradução, não numerar os versos, pois, nem sempre, houve coincidência entre a pontuação do autor e a nossa. Além do mais, optamos pelo texto em prosa para uma melhor apresentação de nossa proposta de tradução e dos comentários correspondentes ao texto.

Ah, quantas vezes a filha foi afastada do seio materno! Ah, quantas vezes a própria mãe seguiu a filha! A novilha abandonada não muge de modo diferente no tenebroso vale, e, do mesmo modo, a ovelha sucumbe diante dos altares. Entretanto é tarde: o seu castigo descobriu o verdadeiro culpado; e uma ira mais justa agitou os deuses vingadores. Todo prazer pelo sofrimento de outrem deve ser censurado, contudo aquele prazer vem reconhecido, vencidos os inimigos.

Eis que jaz o ínclito herdeiro do cetro dos antepassados. Um só dia tirou tantas esperanças, tantos cuidados! A tristíssima mãe caminha em companhia do filho arrebatado, e o genro chamado ingere os funestos filtros. Mas a filha, infeliz filha, não só lastima as terríveis dívidas do pai, como também imediatamente sucumbe com o espírito atordoado. Aquela rainha até agora mãe de dois reis, aquela poderosa rainha enlouquece, tendo nascido o César; não de modo diferente, Thíade se enfurece ao longe nas grutas ogíguas, e agita os sistros repetindo “Evoé!”.

Põe fim às lágrimas e, assim, contém os lamentos, Córdoba: dificilmente uma só dinastia será suficiente para tantos castigos. Eu mesmo também hei de apaziguar os cruéis tormentos, e este será talvez o único remédio para os nossos males. Quanto a este fato, as irmãs já puxam os poucos fios com a mão, e se aproxima de mim o fim do supremo esforço. Os próprios montes, contudo, agradam a mim que morro; as próprias pedras esquecidas do sangue hispânico me agradam. O que quer que haja, estarei livre para descer até os profundos Manes: que a minha liberdade se mantenha com uma morte redimida para mim.

Tu, Melo, que és hostil aos deuses, e tu, Paredes, mais violento que Melo, vós não tereis, agora, nenhuma autoridade sobre mim.

A margem ligeiramente alongada avança pelo mar, e o pequeno istmo é batido pelas ondas do mesmo. Espalha uma rosa, e violetas, e envia os lírios em cestos cheios: aquele lugar é consagrado aos deuses Manes. Uma terra mais indulgente oculta, sob o pó lançado, as cinzas dos lusíadas e os corpos sem vida. Se existe alguma crença nas palavras, ao redor dos lugares sagrados são trazidas as divindades há muito tempo vistas descendo do meio do céu. É duvidoso que o fazem, mas certamente dizem poemas agradáveis a Júpiter e perto contempla-se um pequeno altar.

Não gostaria que meus ossos fossem tocados pelo ferro ou pela negra cinza, ainda quente, mas que serenamente mão amiga os enterrasse. Que a construção do meu sepulcro não seja penosa, mas que um breve verso seja posto no alto do mármore:

“Aqui está enterrado Diogo, afastado da cidade de Évora, e do lar: não lhe foi permitido sepultar seus membros em solo pátrio. Mas tu, nauta, quer costeies o porto, quer levantes as amarras na praia, tem força para pedir a eternidade”.

VII. COMENTÁRIOS SOBRE O POEMA

Fácil é notarmos, através do texto latino, a pungente mensagem do poeta, exilado na distante cidade de Nova, na Dalmácia. A construção do poema está eivada de alusões a personagens históricas contemporâneas ao autor, bem como a elementos mitológicos greco-romanos. A beleza do texto literário pode ser bem depreendida pelo domínio do autor evorense sobre a língua latina, pelo vocabulário erudito, pelas figuras de linguagem, enfim, *De exilio suo* nada fica a dever a outras obras do gênero no Renascimento, isto é, no Humanismo português.

Passemos, pois, sem mais delongas, para nossas considerações de fundo histórico sobre o poema, assim como de caráter geográfico.

A. Comentários históricos e geográficos⁵

Nossa análise será efetuada verso após verso e procuraremos, resumidamente, conceituar os termos empregados pelo poeta humanista:

v. 04 – **Illyriae**, de **Illyria**, região situada ao longo do mar Adriático, ao norte do Epiro, onde o poeta está exilado;

v. 05 – **Cantaber**, habitante da Cantabria. Aqui no texto significa “o espanhol”, “aquele que veio da Espanha”;

v. 08 – **Nemilius**, pequena fonte nos arredores da cidade de Nova;

v. 09 – **Epidaurus**, hoje correspondendo provavelmente à cidade Velha Ragusa, que tem como padroeiro São Brás, citado no verso 10 – **Blasi tuta patrocinio**;

v. 11 – **Rizanus**, outra cidade, nomeada por **Didacus Phyrus** em sua descrição da região da Dalmácia. No verso seguinte, a última das três cidades, **Ascrivium**, cujo nome atual é Cataro, situa-se próxima a Rizano;

v. 12 – **Venetis patribus** refere-se à cidade de Ragusa, a qual esteve sob a dominação de Veneza no século X e posteriormente dos séculos XIV ao XVIII;

v. 14 – **Butua**, cidade próxima a Cataro, pilhada e incendiada pelos turcos, que fazia limites com Epiro, presente no verso 13. Interessante salientarmos que os Bálcãs – região onde as cidades citadas por Diogo Pires se situam – foram o refúgio de muitos judeus expulsos da Espanha;

v. 16 – **Ebora**, cidade natal do poeta lusitano, de onde partiu e para onde não mais pode retornar, em virtude de ser judeu (GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, v. XIV, p. 341);

v. 24 – **bis sex Elis Olympiadas** – a realização dos jogos Olímpicos era feita na região da Élide (**Elis**) e celebrado de quatro em quatro anos. Acontece, porém, que a contagem de tempo entre os romanos, em relação a algum evento, era feita a partir do primeiro dia deste até o último, quando findava, ou seja, **terminus a quo**. Com isso, ao invés de quarenta e oito anos – **bis sex Olympiadas** – o poeta lusitano teria sessenta anos de exílio, o que daria sua idade de setenta e oito anos;

v. 43 – **Phlegetontis**, referência ao rio Flegetonte, o qual banhava as regiões infernais;

v. 45 – **Corduba**, atual cidade espanhola de Córdoba, banhada pelo rio Guadalquivir – no texto latino **Baetis territus**. No verso seguinte, há uma alusão à expulsão dos judeus da Espanha – caso de **Didacus** – “**auersas ... aquas**”;

v.48 – **Ortygia**, termo clássico para a atual ilha de Delos, imortalizada por ser a terra da deusa Diana, também chamada de Ortigia pelos poetas. Diana, deusa da caça, era frequentemente representada e/ou cantada associada com um arco, lançando suas

⁵ O acesso às notas referentes à geografia e aos personagens citados por Diogo Pires só nos foi possível em virtude da preciosa ajuda do Prof^o. Dr. Carlos Kalil Tannus, a quem agradecemos.

flechas. O vate português, por isso, a identifica como aquela que **missa sagita manu**, no mesmo verso⁶;

v. 67 – **Ogygiis**, terra do deus Baco;

v. 69-70 – **Corduba**, apesar de aparecer somente no verso 70, toda a oração anterior faz referência à cidade espanhola, quase que a personificando, pelo seu sofrimento;

v. 95 – **Ebora**, vide v. 16.

No tocante aos personagens históricos (e aqui incluímos, da mesma forma, figuras e *personae* mitológicas) podemos fazer os seguintes comentários:

v. 19 – **Troia** – cidade destruída pelos gregos após vários anos de lutas. No verso seguinte, há a menção a Ulisses, **Ithacum ducem**, a quem o poeta se compara. Após vários períodos de aventuras e desventuras, o herói de Ítaca retorna ao lar e lá encontra **amicos** (v. 21) e sua esposa **Penelope** (v. 22). Interessante notarmos que o poeta já se considera avançado em idade, pois, como visto anteriormente (cf. em **Olympiadas**), suas antigas amizades deixadas em solo espanhol já eram de muito tempo;

v. 33 – **Superum Rector** – alusão a Júpiter, deus dos deuses, que tem como uma de suas marcas o domínio sobre os raios. Nesta passagem, o poeta sente-se totalmente abandonado e pergunta a si próprio, porque os próprios deuses não lhe são favoráveis e o ajudam a livrar-se das perseguições religiosas que o levaram ao exílio;

v. 35 – **Ferdinande** – trata-se de Fernando de Aragão, rei cognominado o rei Católico, faleceu em 1516, tendo desposado Isabel de Castela, recebendo ambos do papa Alexandre VI o título de Reis Católicos. Estabeleceu o tribunal da Inquisição na Espanha no ano de 1481;

v. 36 – **ora canis** – referência às mandíbulas de Cérbero, o terrível cão de três cabeças, guardador das portas do inferno. O poeta português o cita para demonstrar a sua raiva contra o monarca espanhol; no verso anterior, ele menciona as “**crudelis Erinnys**”, ou seja, as três Fúrias, Alecto, Tisífone e Megera. As três Eríneas, também conhecidas como Eumênides, eram deusas que castigavam e puniam aqueles culpados de graves crimes. Claro está, que o grave crime de Fernando foi o de permitir a perseguição e, posteriormente, a expulsão dos judeus de seu reino;

v. 37 – **coniugis** – referência à Isabel de Castela. O adjetivo **periurae** dá-nos a ideia de mentira que a rainha procurava evitar sobre si, pois ela tinha sido acusada, juntamente com o marido, de desejarem os bens materiais dos judeus, confiscando-os após os julgamentos dos inquisidores (JOHNSON; p. 228-229);

v. 41-42 – **Nostris ex ossibus alter editus in nostras saeuit hostis** – interessante passagem, na qual há uma alusão a Fernando, que teria traído seus próprios irmãos de credo, pois sua avó teria sido judia. **Hostis**, **-is** significa o inimigo da nação e o termo foi magistralmente empregado por Diogo para demonstrar que o rei Católico não era somente seu próprio adversário, porém, inimigo de todo o povo judeu;

⁶ Entretanto, Diana também era associada à Inquisição em Portugal. O “*templo de Diana*” era a residência dos inquisidores portugueses ao tempo de D. João III.

v. 44 – **Megaera** – alusão à Isabel, como sendo a **quarta Megaera**, uma das Fúrias (vide verso 35), a qual, juntamente com suas irmãs, habitava as margens do rio Flegetonte, caracterizado por suas ondas de fogo. A rainha espanhola é, nesta passagem, comparada pelo poeta à Megera, sendo responsável pelas ondas;

v. 45 – **Corduba pestem** – menção ao massacre de judeus ocorrido em Córdoba no ano de 1473, pois culpava-se os judeus de uma peste desconhecida que tinha sido, na verdade, causada pelos ratos;

v. 49 – **Titan** – nome derivado de Titeia, antiga Vesta, mulher de Urano. Significa filhos de Titeia ou da Terra, gigantes descomunais, povoadores do Universo primordial helênico;

v. 59 – **magnus sceptri successor** – aqui há uma alusão ao filho dos reis Católicos, D. João, o qual seria o natural herdeiro do trono e que morrera jovem;

v. 61 – **maestissima mater** – esta expressão relaciona-se à rainha Isabel, tristíssima pela perda do filho. No verso seguinte, cita-se o genro, Filipe, arquiduque da Áustria, cognominado, o Formoso, o qual teria sido vítima de envenenamento. Acreditamos que, por causa disso, **Phyrrhus** fala sobre os funestos filtros – **pocula dira** (v. 62)⁷;

v. 63 – **infelix nata** – alusão a D. Joana, esposa de Felipe I, cognominada, a Louca, que teria perdido a sanidade após encontrar o esposo mantendo relações amorosas com uma dama em Flandres (GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, v. XI, p. 353.);

v. 65 – **parens ... duorum** – referência aos dois filhos da rainha ensandecida, Carlos V e Fernando I, sendo que o primeiro, pelo seu poder quase que total em grande parte da Europa do século XVI foi também chamado de César nascido – **nato Caesare** (v. 66);

v. 68 – **Thyas** – nome de uma das Bacantes, mulheres que presidiam o culto de Baco, o deus do vinho, cuja terra era a Ogígia (v. 67) e emitiam um grito de prazer “**Euohe**” (v. 67). Aqui, o contexto relaciona-se com a loucura de D. Joana, fora de si, tal qual uma bacante;

v. 73 – **sorores** – alusão às Parcas, Cleto, Láquesis e Átropos, divindades que teciam o destino dos mortais. O poeta já percebe que seu fim está próximo, pois Átropos está para cortar o fio da vida. (v. 73-74);

v. 76 – **Hispano** – alusão ao sangue espanhol, que cobria as pedras de Nova;

v. 77 – **Manes** – deuses Manes eram considerados aqueles bons homens, cujas almas iriam para os Campos Elíseos. Normalmente, eles preparavam o último descanso de seus descendentes. Em material epigráfico é muito comum, em várias regiões do Império, a menção aos deuses Manes em epitáfios e túmulos. Ocorre também no v. 84;

v. 79 – **Meli ... Paredes** – nome de dois inquisidores portugueses. João de Melo era bispo do Algarve e arcebispo de Évora, servindo na cidade natal de Diogo Pires como

⁷ ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA, v. VIII, p.842.

Inquisidor-Mor. Antonio Saraiva, em seu excelente *Inquisição e cristãos-novos* (1985, p. 102), assim nos relata alguns traços de sua personalidade: *O que mais parece ter impressionado este inquisidor é a atitude dos parentes e amigos dos justicados.*

E prossegue o estudioso lusitano:

João de Mello descreve e comenta a cerimônia a que presidiu e que ele mesmo ajudou a organizar. Na sua carta transparece uma constante preocupação: as reacções do público. (SARAIVA, 1985, p. 103)

Em sua *História dos judeus em Portugal*, Meyer Kayserling (1971, p. 205) acrescenta à prática do inquisidor o seguinte ritual:

Destroncavam-se os membros, aplicava-se a bastonada, cortava-se a sola dos pés, untava-se os cortes com manteiga e punha-se fogo. Os torturados tinham de confessar, não havia outra alternativa.

O inquisidor Pedro Álvares de Paredes também foi inquisidor em Évora e tido como bastante cruel e desumano. Kayserling assim afirma (1971, p. 205) a respeito:

Ninguém como ele possuía tamanha habilidade para extrair confissões ... Lia aos acusados sentenças falsas, segundo as quais haviam sido condenados à morte, apavorados, confessavam tudo o que o monstro exigia.

A morte é o bardo do poeta contra a repressão dos inquisidores. **Nil uobis in me iam modo iuris erit**, verso 80 é a resposta decisiva do poeta! Sua morte aproxima-se e sua liberdade também;

v. 82 – **breuis ... aquis** – menção a um cemitério de judeus, localizado numa praia na cidade de Nova;

v. 84 – **dis ... locus** – referência provável ao cemitério judeu (v. 82), pois tem-se a presença dos deuses Manes, mais uma vez, deuses esses, como visto no v. 77, que conduziam as almas dos mortos para sua última morada;

v. 90 – **Ioui** – genitivo singular de **Iuppiter**, deus dos deuses na mitologia romana;

v. 95 – **Didacus** – o próprio poeta, em seu epitáfio, nomeia-se.

Como visto pelo exposto, personagens e espaço compunham o pano de fundo para a história de um drama real e a linguagem literária espelha claramente a situação.

B. Comentários lingüístico-literários

O título do poema *De exilio suo* traz novamente à luz uma das temáticas favoritas dos escritores latinos, especialmente Ovídio: o exílio. Diogo Pires, em virtude de seu credo, fora obrigado a abandonar a pátria, os amigos, seus entes queridos e não vislumbrava chances para regressar. Solitário em seu refúgio na cidade de Nova, na Dalmácia, região do mar Adriático, o poeta relembra seus passos, sua viagem, todas as pessoas e personalidades que, direta ou indiretamente, tenham contribuído para seu desterro.

Aliás, aqui cabe uma explicação. O termo latino **exilium** implicava a saída do cidadão da cidade para evitar a pena de morte. Sendo judeu, Diogo Pires evadiu-se das fronteiras pátrias, evitando o sumo castigo.

Do ponto de vista formal, poderemos tentar esquematizar o texto, dividindo-o em blocos temáticos, a saber:

v. 01 a 08 – indagação do poeta: por que suportar um cruel e injusto exílio – apresentação de suas queixas;

v. 09 a 18 – roteiro das cidades por onde passou, seu estado e localização – distância espacial;

v. 19 a 34 – comparação de seus sofrimentos com os de Ulisses; perguntas retóricas sobre o porquê de seus tormentos: culto dos seus antepassados como causa;

v. 35 a 50 – personagens que influenciaram sua vida: os reis Católicos;

v. 51 a 58 – sacrifícios aos deuses: constatação ou dúvida? Ele próprio e sua vida como sacrifício;

v. 59 a 68 – os parentes de Fernando e Isabel de Castela: os sofrimentos reais;

v. 69 a 98 – indagação e lamento do poeta; preparação para a morte; fim do ciclo vital.

Embora resumidamente, concluímos que o poema traz um esquema cíclico de reflexões do autor lusitano. Começando por indagar pela justiça de seu exílio, o texto leva o leitor a perpassar a trama histórica do sofrimento do povo judeu à época de maior domínio da Santa Inquisição. O leitor viaja através dos mares e vê cidades, algumas em **ruinis** (v. 09), reconstruídas depois, outras com **muris semirutis** (v. 14) e tem noção da distância que separa o poeta e sua cidade. Toma consciência da heroicidade do mesmo, que se compara ao chefe ítaco, que, pelo menos, regressou ao lar, enquanto ele, fiel às tradições de seu povo, emigrou. Daí, o leitor conhece Fernando de Aragão e Isabel de Castela, os quais não o ajudaram, fazendo com que, cada vez mais, ele sacrificasse sua vida, como os animais. Chega até os sofrimentos dos parentes dos reis Católicos, e na dor todos os seres humanos são iguais. Seu destino, entretanto, não lhe propiciará o tão almejado retorno e o poeta já prepara o seu próprio epitáfio. Final do ciclo!

Para uma análise um pouco mais sucinta dos elementos linguísticos que corroboram essa nossa proposta de divisão temática, optamos pela enumeração dos versos.

v. 01 – **exilium longum** – sabemos, por essa expressão, que Diogo já estava a muitos anos em Nova. Seu padecimento é atestado pelo gerundivo **ferendum** (v. 01). Até quando?

v. 04 – **ducendum** – este gerundivo refere-se ao tempo que Diogo ainda terá que suportar na cidade de Nova;

v. 05 – **undas** – o termo aparece em outros versos (v. 23, 43, 49), demonstrando o movimento das águas, por isso por nós sendo traduzido como **ondas**, referindo-se ao mar;

v. 13 e 15 – repetição anafórica de **procul**, com o sentido de **ao longe**, mais uma vez, um reforço de seu isolamento espacial de sua terra;

v. 17 – repetição anafórica de **salve**, com finalidade de reforço de seu sentimento de saudade por Évora;

v. 25-26-30-33 – **et** – conjunção como elemento retórico, para ressaltar que Diogo Pires padecia sob professar o credo de sua religião judaica;

v. 27 e 29 – **num** – conjunção com a mesma função de **et**;

v. 25 a 34 – estes versos contêm as próprias indagações de Diogo sobre a causa de seu exílio. A morte é preferível e mais doce que seu castigo. Seu tratamento com os pais não pode ser considerado ímpio. Ele compara-se a um soldado, que abandona as armas e foge do campo de luta. Assim, ele, da mesma forma, teria abandonado seus pais, os mais sagrados de todos os bens de um filho;

v. 27 – **parentes** – interessante vocábulo que está preso ao verbo **parere**, “*ser submisso, obedecer*”. No verso seguinte, o autor cita **patriis** e, mais adiante, **patriis** aparece novamente (v. 32). O termo **pater** tem, em sua acepção primeira, uma estreita ligação com **patrius**, “*aquilo que pertence ao pai, pátrio*”, estando, assim, preso, da mesma forma à pátria;

v. 51-52 – simetria na apresentação das exclamações e encerramento das mesmas com vocábulo idêntico:

Ah, quoties gremio nata est abducta parentis!
Ah, quoties natam est ipsa secuta parens!

v. 60 – **Tot spes, tot curas abstulit una dies** – um só dia tirou tantas esperanças, tantos cuidados. Aqui tem-se a irreversibilidade da ação única da separação do poeta de sua terra;

v. 81 – **pelago** – helenismo que significa “*mar alto*”. O vate luso, nesta bela passagem, oporá o mar alto ao **aequoreis**, “*a superfície plana do mar*”, “*mar em repouso*” no verso 82. Aqui fica patente, do mesmo modo, o conhecimento de termos helênicos do latim por parte de Diogo;

v. 83-84 – **rosam, et uiolas ... Lilia** – a graciosidade das flores nos últimos momentos da despedida da vida! Evidentes aqui ficam o sentimentalismo e beleza poética desta passagem;

v. 85 – **Lysiadum** – vocábulo pela primeira vez utilizado em língua portuguesa por André de Resende, o qual criara o neologismo que definiria a raça portuguesa. Leiamos a sua explicação para o fato:

Com o rumo que os acontecimentos iam tomando, a designação ‘Lusitânia’ veio a revelar-se cada vez mais necessária, para com ela se marcar a individualidade de um povo que alheio aos interesses da Corte ou de certas

facções, pretendia a continuar a ser diferente: português. (RESENDE, 1988, p. 36)

v. 86 – ... **celat humus** – a palavra **humus** significa aqui *terra*, aliás, terra essa criadora do **homo** que a habita. O território do **homo**, porém, é na **terra** (v. 15-16-17), cuja repetição serve bem para frisar que se trata de “*terra, país*”. Aqui, no final, quase poder-se-ia dizer que o **homo** voltaria para o seu lugar natal, ou seja, seu **humus**;

v. 91-92 – segundo o costume judaico, um cadáver judeu não pode ser visto após a morte e não deverá ser tocado durante aproximadamente seis anos. Caso esse costume fosse violado, considerava-se profanação. Fiel aos seus ritos e costumes funerários, Diogo pede o respeito a ele para que **nec ferro, nigra neque tacta fauilla ossa**;

v. 95-99 – o epitáfio do poeta. No momento em que não mais puder ver a luz do sol em Évora, nada mais há para ser visto. Em seu lamento, Diogo apela para o marinheiro, acostumado com a eternidade de suas viagens, para que peça por ele, para que, do mesmo modo, seu descanso possa ser eterno.

Nos *Tristia*, Ovídio já se queixara pelo seu forçado exílio. Com tristeza, Diogo Pires prepara-se para a morte sem poder retornar à sua terra querida. Personagens históricas fundem-se às mitológicas, para que as qualidades – bem mais defeitos dessas últimas – possam bem descrever que tipos de seres humanos levaram um povo a padecer tanto. O poeta, dominando com maestria a língua latina, trabalha com a História da época, fazendo com que o seu texto não seja somente um texto poético, porém, muito mais que isso, *De exilio suo* é um relato fiel da época inquisitorial sobre a Europa, retratada pela única arte e gênero, da qual um humanista poderia se servir para chegar ao coração dos homens: a Literatura e a Lírica!

VIII. CONCLUSÃO

O discurso de um humanista é sempre uma arma contra a insensibilidade do homem. Nele, valores fundamentais da espécie humana como amor, compaixão, amizade, dentre outros, estarão sempre presentes em quaisquer que sejam as circunstâncias, sob quaisquer pretextos. O homem, muitas vezes, só reconhece a sua humanidade através da dor.

Diogo Pires era humanista e, além disto, judeu. Em uma sociedade dominada por valores totalmente antagônicos aos seus, ele tentou afirmar-se como ser humano. Intransigência, radicalismo e intolerância foram as respostas temporais sobre aspirações meramente humanas! O poeta foge, vai para a Espanha, pensa estar protegido, vê que corre riscos, foge mais uma vez até seu último refúgio. Distante dos pais, dos amigos, de tudo aquilo que amara, o poeta medita consigo, na medida em que o inexorável tempo se aproxima. Medita sobre os motivos de seu sofrimento; sobre a distância que o amargura; compara-se a heróis mitológicos em suas desventuras; lembra-se de reis, que não possuíam plena majestade; sente sua vida como um sacrifício em vão; constata, que, nem mesmo entre os poderosos, um exílio forçado pela morte deixa de acontecer; lamenta-se, mais resignado, e prepara-se para a morte!

De exilio suo leva o homem de hoje, mais que nunca, a repensar todo tipo de perseguição ou injustiça, motivadas por quaisquer motivos. No século de afirmação do Humanismo, queimava-se e torturava-se! No século de um forte Renascimento, morria-se sob o gládio da insensatez! No século, onde o homem era o centro da vida, os gladiadores de Deus, vestidos de inquisidores, cometiam atrocidades. O poema de Diogo

Pires, pela beleza do verso em hexâmetros e pentâmetros – dístico elegíaco – mostra-nos o ser humano e a tristeza do exílio. A língua latina foi a veiculadora desta mensagem, afirmando, indiscutivelmente, para muitos cientistas da linguagem, que o *sermo litterarius* renascentista era capaz de transmitir tão profundamente as grandezas da alma humana e seus vícios.

Para o poeta, infelizmente não podemos, para finalizar, repetir os versos horacianos “**Lusisti satis, edisti satis atque bibisti; tempus abire tibi est.**” Entretanto, se seu bardo não foi ouvido em seu tempo, *scripta manent*.

Requiesce in pace, Didace!

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, A. da Silva d'. *Humanistas* (Selecta humanística latina). São Paulo: Vieira & Pontes, 1938.

BARDI, Pietro Maria. *Gênios da pintura – góticos e renascentistas*. São Paulo: Abril, 1980.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1968.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Comentários por Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Tecnoprint, /s.d./.

CARVALHO, Joaquim. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Coimbra: Editora da Universidade, 1948. v. II.

ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Lisboa: Verbo, 1975.

ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1935-1958.

KAYSERLING, Meyer. *História dos judeus em Portugal*. Tradução de Gabriele B. Correa da Silva e Anita Novinsky. São Paulo: Livraria Pioneira Ed., 1971.

JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LEMOES, Esther de. Luís de Camões. In: *Gigantes da literatura universal*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. 8. ed.. Lisboa: Palas Editores, 1978. v. I.

MATOS, Luís de. *L'expansion portugaise dans la littérature latine de la renaissance*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

PRADO COELHO, Jacinto do (dir.). *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1982. 5 vols.

RAMALHO, Américo da Costa. *A introdução do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972. (Separata de HUMANITAS)

RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.

RESENDE, André de. *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução de Virgínia Soares Pereira. Coimbra: INIC, 1988.

18. SARAIVA, Antônio José. *Inquisição e cristãos-novos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novissimo diccionario latino-portuguez*. 7. ed. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1910.

SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1985.